



## O *MEEL* E EU: 10 ANOS DE PARCERIA E CONQUISTAS

José Alexandre Vieira da Silva (IFMT - Cuiabá)

**RESUMO:** A intenção desta comunicação é a de apresentar, de forma resumida, contribuições do MeEL na minha formação acadêmica. Ao longo de seus dez anos de existência, este Programa de Pós-Graduação, além de proporcionar conquistas profissionais aos diversos acadêmicos que por ali passaram, oferece oportunidades de aperfeiçoamento contínuo a egressos, comunidade, por meio de eventos, grupos de pesquisas relacionadas aos estudos linguísticos e literários no Estado do Mato Grosso, entre outros.

### THE *MEEL* AND ME: 10 YEARS OF PARTNERSHIP AND ACHIEVEMENTS

**ABSTRACT:** This communication is intended to briefly present the contributions of MeEL to my academic formation. Throughout its ten years of existence, this Post-Graduate Program has offered opportunities of continuing education to graduates and the external community, by means of events and research groups on linguistic and literary studies in the State of Mato Grosso. Besides, it has allowed professional accomplishments to many academics who took part in the program.



Quando recebi o convite da Prof.<sup>a</sup> Divanize, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – MeEL, para participar desta mesa de egressos, no evento comemorativo dos seus 10 anos, confesso que vivi naquele instante um misto de alegria e saudosismo.

Alegria, por ver um Programa que nasceu no desejo primordial de levar aos profissionais da Área de Linguagens um curso para qualificá-los, pois até aquela data precisavam deslocar-se por grandes distâncias para alcançar este objetivo.

Nesse sentido, não posso deixar de reconhecer e agradecer ao esforço da Direção do Instituto de Linguagens daquela época, na pessoa do Prof. Elias Andrade, aos autores do projeto deste mestrado – professores Mário Cezar Leite, Ludmila Brandão e Maria Inês Pagliarini Cox, entre outros colaboradores, e dos demais docentes do Programa que nestes anos contribuíram de forma significativa em todo o nosso percurso.

Aqui destaco, com saudades, as longas conversas com os professores Roberto Boaventura, Ludmila Brandão, Franceli Mello, Maria Inês Cox e, em especial, o Prof. Mário Cezar, responsável direto pela minha entrada neste mundo acadêmico. Esse docente, como um demiurgo, ajudou-me sobremaneira a superar as minhas limitações intelectuais, agindo como um agente facilitador desse processo, ampliado, após o mestrado, em meu doutoramento na UFG, nos estudos do Imaginário, em que participou ativamente como coorientador de meu trabalho.

Agora, distanciado de todo esse processo, olhando a “fotografia” deste instante, sei que corro sérios riscos de não perceber todo o esforço do percurso. Em razão disso, em minhas reflexões a respeito, descarto a foto e fico com o registro cinematográfico, pois a análise de minha vida, ou de nossas vidas, com certeza, estará marcada para sempre por dois momentos ímpares: uma antes e outra, depois deste mestrado.

Falar sobre este processo pode parecer parcial, mas a marca desta subjetividade tem a ver com a reconstrução de meu ser. Afirmo, sem medo de



errar, que em minha vida a educação formal foi um veículo completo de transformação, e que atingiu tanto o nível pessoal quanto o profissional.

Tudo tem início em 1999, quando adentrei por essas portas, ainda como militar, recém transferido para Mato Grosso. Lembro-me de minha chateação de ter escolhido o curso de Letras/Literatura motivado, e hoje me envergonho por isso, pelo número de vagas e candidatos do curso. Mas, como acredito que nada na vida é por acaso e, assim como C.G.Jung afirma, nossas ações estão interligadas em várias redes de coincidências significativas, que ele chama de *sincronicidade* (1991), hoje sei que foi a decisão mais acertada em razão de um desacerto meu.

A paixão pelas letras e, em especial, pela literatura foi imediata. Paixão esta que se solidificou ao longo dos quatro anos de curso de minha graduação.

O mestrado só confirmou o que já sabia: a vocação pelo ensino. O desejo da partilha fora incorporado em minha prática profissional e a isso devo, em muito, mais uma vez, aos professores que tive, mestres generosos que não mediram esforços em partilhar seus conhecimentos. Assim, antes do término do mestrado, já havia abandonado a minha antiga atividade profissional ao assumir, a partir dali, uma nova identidade, a de professor.

Hoje, passados 10 anos, estou de volta. Não mais como aluno, mas já pensando em um credenciamento como professor do Programa sem, no entanto, deixar de me ver como um eterno aprendiz, uma vez que a jornada do conhecimento é aventura que não tem fim.

E por falar em jornada, volto a destacar a importância dos estudos em literatura no processo de transformação de minha vida. Segundo Capra (1991), ao término de um período, sempre sobrevém o ponto de mutação. Segundo ele, através de seus estudos do *I Ching*, a luz poderosa que fora banida ressurgiu. Há movimento, mas este não é gerado pela força. O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano. Dessa forma, o ponto de mutação se deu aqui, nesta universidade, cujo



marco foi o TCC da graduação, com os estudos d’*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, desaguando nas águas e terras encantadas da narrativa de Tereza Albues nas pesquisas seguintes.

Dessa forma, em meu mestrado, mudei de foco. Da força do realismo-naturalismo latente, marcado pelo positivismo e determinismo do final do século XIX, fui conduzido à presença do realismo mágico, fantástico e maravilhoso nas obras de Tereza. Procurei desvendar os mistérios postos em *Pedra Canga* (1987), *Chapada da Palma Roxa* (1990), *A travessia dos Sempre vivos* (1993) e *O berro do cordeiro em Nova York* (1995). Todas essas obras me fizeram ver como o fantástico, mágico e maravilhoso intercambiam-se através dos aspectos culturais da região mato-grossense.

Nessa perspectiva percebi, como o tempo, que no romanesco de Tereza Albues persiste a obsessiva busca do autoconhecimento que energiza sua escrita desde o primeiro livro. Como afirma o guru Ariel Kinzuo, uma de suas personagens, a “vida em si é um mistério insondável, e a ação humana não pode ser definida por critérios arbitrários. Há os meandros, os labirintos [...] os subterrâneos [...]” (ALBUES, 2000, p. 157-8).

Em meu trabalho de doutorado, esses aspectos abriram-me uma possibilidade de investigar, de forma mais aprofundada, em que medida tais personagens, ao serem impelidas em viagens/jornadas, poderiam estabelecer um certo isomorfismo com as demandas empreendidas pelos heróis míticos.

Porém, vale ressaltar que, quando se busca a clareza, corre-se dois riscos: de um lado, tem-se a impressão de se estar repisando em evidências (já que é preciso tomar tudo a partir da base); e de outro, podem surgir complicações ao se estabelecer diferenças demasiadamente sutis. Nessa pesquisa, agora, não evitei o primeiro risco. Já quanto ao segundo, tentei, ao longo de minhas reflexões, fundamentar essas distinções, a fim de dar mais consistência à dinâmica da análise. Assim, lancei novamente o meu olhar aos romances da mato-grossense Tereza Albues.

A pergunta geradora da pesquisa: o jornadear de suas personagens poderia metaforizar a demanda impelida a fim de se perscrutar o nosso



interior? Seria este o pilar principal de suas obras? Caso fosse, como a busca do eu essencial poderia ser descoberto como parte integrante de sua trama narrativa?

Não irei me alongar nos vários percursos teóricos e resultados a que cheguei com todos estes e outros questionamentos que surgiram ao longo de minha pesquisa, até mesmo porque não é esta a finalidade principal de me colocar aqui hoje, diante vocês.

A intenção aqui é a de apresentar, de forma resumida, todo o meu percurso; demonstrar como esses estudos, além de proporcionar as conquistas profissionais que já destaquei, ajudaram-me num processo de auto-descobrimto que tem colaborado a cada dia no aperfeiçoamento de meu ser.

Neste ponto, recorro ao pensamento de Todorov, em entrevista à Revista Bravo *online*, acerca da importância dos livros (neste caso, os literários): eles são fundamentais para a formação do ser, uma vez que acumulam a sabedoria que os povos de toda a Terra adquiriram ao longo dos séculos. Seria improvável que a minha vida, em tão poucos anos, pudesse ter tanta riqueza quanto a soma de vidas representadas pelos livros. Não se trata de substituir a experiência pela literatura, mas multiplicar uma pela outra. Não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, tornamo-nos, antes de qualquer coisa, especialistas em vidas. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às idéias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade. Esta foi, com certeza, a maior contribuição que este Programa proporcionou em minha vida.

Dessa forma, ao me deparar com todos vocês, vejo-me nos seus olhares. Sei que muitos dos que aqui estão lutam com as dificuldades “clássicas” de estudarem um país que ainda não entendeu o quão preciosa é a educação na vida de seus cidadãos. Mas, a escolha é nossa. Essa escolha pode ser resumida na fala de Benjamim Barbudo (1995, p.130), um dos auxiliares místicos mais notórios das protagonistas de Tereza Albués. Ele diz que “temos muitos rios correndo dentro de nós, cada qual com sua natureza, podemos submergir ou



flutuar, mas tudo dependerá de como lidamos com suas águas”. Em outras palavras, somos seres complexos por natureza, e o caminho do autoconhecimento não é uma jornada fácil, mas o resultado, a conquista vale a luta, não esquecendo que essas conquistas irão depender das nossas escolhas.

Que todos vocês continuem a fazer as escolhas certas, como fizeram em se candidatar para uma vaga neste Programa, ou que optaram simplesmente em estar neste evento para nos ouvir. Que as experiências aqui trocadas possam ser fontes de inspiração para todos os que iniciam a sua jornada acadêmica, não nos esquecendo que ela é *travessia*, e que, para ser levada a bom termo, segundo Fernando Teixeira de Andrade, é preciso que abandonemos as roupas usadas, que já têm a forma do nosso corpo, e esquecer os velhos caminhos, que nos levavam sempre aos mesmos lugares, pois esse é “o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos”.

## Referências

- ALBUES, Tereza. **Pedra Canga**. Rio de Janeiro: PHILOBIBLION, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Chapada da Palma Roxa**. Rio de Janeiro: Atheneu/Cultura, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Travessia dos Sempre Vivos**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O Berro do Cordeiro em Nova York**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Dança do Jaguar**. Paris: Éditions 00h00.com, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Buquê de Línguas**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008.
- ANDRADE, Fernando Teixeira. **O Medo: o maior gigante da alma**. Disponível em <<http://atrilhaquemeleva.blogspot.com.br/2011/05/poesia-o-medo-o-maior-gigante-da-alma.html>> Acessado em: 05set. 2013.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação** (A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente), 26ed. São Paulo: Cultrix, 2005.
- JUNG, C. G. **Sincronicidade**. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. v. VIII/3.



TODOROV, Tzevetan. Disponível em:  
<<http://bravonline.abril.com.br/materia/tzvetan-todorov-literatura-nao-teoria-paixao.>> Acessado em 05 set. 2013.

Recebido em 10/07/2013.

Aceito em 20/09/2013.

**José Alexandre Vieira da Silva**

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002), especialização em Leitura e produção textual (2003), mestrado em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (2006) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiânia. Professor titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *campus* Cuiabá. É vice-líder do Grupo de Pesquisa em Cultura Matogrossense *RG-Dicke*.

E-mail: [jalexvs@uol.com.br](mailto:jalexvs@uol.com.br)